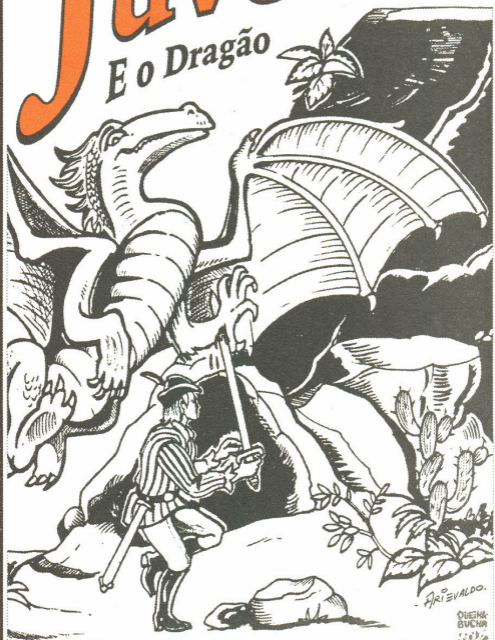


Leandro Gomes de Barros

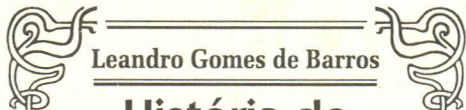
# Juvenal

E o Dragão

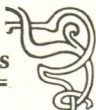


Literatura de Cordel

QUEIM-  
BUCINA



Leandro Gomes de Barros



# História de JUVENAL E O DRAGÃO

---

---

Quem ler essa história toda  
Do jeito que foi passada  
Verá que o falso vil  
Nunca nos serviu de nada  
A honra e a fidelidade  
São sempre recompensadas.

Morava um camponês  
Num subúrbio dum ducado  
Já fazia sete anos  
Que ele tinha enviuvado  
Só ficou com dois filhinhos  
No que mais tinha cuidado.

O velho adoeceu muito  
Conhecendo que morria,  
Um casebre e três carneiros  
Só era o que possuía  
Deu de herança a seus filhos  
E morreu no outro dia.

Ficaram ambos sozinhos  
Uma moça e um rapaz  
Disse ela a seu irmão:  
- A partilha você faz,  
Fique lá com os carneiros  
Que no valor são iguais.

Ficou ela na choupana  
Cumprindo a sorte fatal  
O seu nome era Sofia  
E o dele era Juvenal  
Que pensava em aventuras  
Atrás do bem e do mal.

Juvenal disse à irmã:  
- Eu não posso ter demora,  
Vá viver com seu padrinho  
Que amanhã vou embora,  
Junto com meus três carneiros  
Por este mundão afora.

Quando foi no outro dia  
Limpou dos carneiros a lã  
Muniu-se do necessário  
E despediu-se da irmã  
Seguiu com seus três carneiros  
Às 6 horas da manhã.

Quando bateu meio-dia  
Ele estava descansando  
Na sombra de um arvoredor  
Os três carneiros pastando  
Viou que um sujeito estranho  
Perto dele ia chegando.

Aquele sujeito estranho  
Tinha saído bem cedo  
Caçando com três cachorros  
No penhasco d'um rochedo  
Foi descansar nesse dia  
Naquele mesmo arvoredado.

Chegando no arvoredado  
Foi dizendo: - Oh! Meu rapaz,  
São seus aqueles carneiros  
Que eu vejo ali por trás?  
Quer trocar por meus cachorros  
Veja o negócio que faz.

Juvenal lhe respondeu:  
Nós não podemos trocar  
Os meus carneiros no mato  
Procuram se alimentar  
Ao passo que seus cachorros  
São preciso eu sustentar.

Lhe disse o desconhecido:  
Nenhum dos três é ruim  
Na hora que estou com fome  
Basta só dizer assim:  
Rompe-Ferro, mão à obra;  
Traz pra ele e para mim.

Cada um desses cachorros  
É um grande defensor  
Se acaba, morre lutando,  
Em defesa do senhor  
São chamados: Rompe-Ferro,  
Ventania e Provador.

Juvenal pensou um pouco  
De ficar sem os cordeiros  
Mas lembrou-se que os cães  
São amigos verdadeiros  
Lhe disse: - Está feita a troca  
Pode levar os carneiros.

Dizia o rapaz consigo:  
- Na troca não fiz vantagem,  
Andar com estes três cães  
Precisa muita coragem;  
Às duas horas da tarde  
Seguiu a sua viagem.

Mais tarde bateu-lhe a fome  
Não tinha onde comprar,  
Fez como o sujeito disse  
No momento de trocar:  
- Rompe-Ferro, mão à obra;  
O cachorro foi buscar.

Toda ordem que ele dava  
O cachorro obedecia  
Mandou ele às cinco horas  
Antes de findar o dia  
Trouxe-lhe uma linda cesta  
Cheia de comedoria.

Juvenal pegou a cesta,  
Quando acabou de jantar  
Deu ele aos cães dizendo:  
- Comam até se fartar,  
Eu com três amigos destes  
Não temo de viajar.

E quando os cães acabaram  
Davam pulos de alegria,  
Um corria atrás do outro  
Em tresloucada alegria  
Fazendo festa ao moço  
Que satisfeito sorria.

Juvenal seguiu viagem  
Cada vez mais animado,  
Naquela zona esquisita  
Com seus cachorros de lado  
Foi dormir no outro dia  
Nas terras d'outro reinado.

Já fazia um mês e tanto  
Que ele andava de viagem  
No pé duma grande serra  
Avistou uma carruagem  
Até para dois cavalos  
Era difícil a passagem.

Ele vendo a carruagem  
Foi logo se aproximando  
Viu dentro uma linda moça  
Vinha de longe chorando,  
O cocheiro muito triste  
Suspirava vez em quando.

Juvenal viu a princesa  
Em prantos, sem se calar,  
Dirigiu-se ao cocheiro:  
- Desculpe eu lhe perguntar,  
Que vem ver essa princesa  
Nas brenhas desse lugar?

Quase sem poder falar  
O cocheiro respondeu:  
- A princesa vem chorando,  
E o culpado não sou eu,  
Dê licença, eu vou contar,  
O caso como se deu...

Daqui a 50 léguas  
Existe um grande reinado  
Que passou mais de cem anos  
Sendo o povo devorado  
Por um monstro horrendo e feio  
Misterioso, encantado.

É impossível contar  
A força que a fera tinha,  
Não respeitava princesa,  
Duque, nem rei, nem rainha.  
Devora toda a polícia  
O exército e a marinha.

O povo todo alarmado,  
Morrendo sem remissão,  
Pra toda parte que ia  
Não achava proteção,  
O rei não tinha recursos  
Para remir a nação.

O rei já muito nervoso  
Só esperava morrer  
Um dia, estando dormindo,  
Ouviu uma voz dizer:  
- Vou lhe propor um negócio;  
Responda se quer fazer...

Eu sou a tirana fera  
Que venho me despedir  
Pretendo dar-lhe um descanso  
E deixar de o perseguir,  
Se o senhor prometer  
Fazer o que eu vou pedir.

Se acaso aceita o negócio,  
Desde já, fique avisado,  
Pra me mandar todo ano;  
Num lugar determinado  
Uma das moças bonitas  
Que tiver no seu reinado.

Eu só faço este negócio  
Pra cessar a mortandade,  
Se o senhor não cumprir  
E usar de falsidade  
Eu venho de lá da furna  
Devorar toda a cidade.

Diante dessa ameaça  
O rei ficou sem ação,  
Como é que enfrentaria  
Tão grave situação?  
O jeito era dar apoio  
À proposta do dragão.

Então o rei sujeitou-se  
A todo ano mandar  
Uma das moças bonitas  
Que tivesse no lugar  
Daqui ela vai pra furna  
Para a fera a devorar.



É este o motivo justo  
Da nossa grande tristeza  
Pra aqui já tenho trazido  
Muitas filhas da pobreza  
Mas hoje tocou de sorte  
A essa infeliz princesa.

Juvenal ficou imóvel  
Ouvindo essa narração,  
E perguntou ao cocheiro:  
Onde habita esse dragão?  
Numa fuma dessa serra...  
e apontou com a mão.

Juvenal disse ao cocheiro  
Vou fazer uma loucura,  
Ando percorrendo a terra  
Em busca de aventura  
Não vou deixar essa fera  
Comer esta criatura.

Não digo por pabulagem  
Nunca temi inimigo,  
Eu junto com meus três cães  
Só Deus poderá comigo,  
Enfrento um cento de feras  
Não digo que vi perigo!

Disse o cocheiro à princesa:  
Acho bom se apelar,  
Todas que vêm para aqui  
Vão a ele se entregar,  
Se vossa alteza não for  
O monstro vem lhe buscar.

Ela aí desceu do carro  
Transpassada de tristeza,  
Juvenal com muita pena  
Dessa morte sem defesa  
Chamou os seus três cachorros  
E acompanhou a princesa.

O cocheiro como estava  
Quase morto de pavor  
Gritou para Juvenal:  
Aonde vai meu senhor?  
Volte daí não prossiga  
Que o monstro é devorador.

Juvenal nem deu ouvidos  
Ao que ele estava dizendo  
Porém de repente ouviu  
A montanha estremecendo  
Conheceu no mesmo instante  
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente  
Juvenal mais atrasado!  
Quando a fera viu a moça  
Deu um urro agigantado  
Até os três cães ficaram  
Com o cabelo arrepiado.

Aí a fera avançou  
Para agarrar a princesa  
Juvenal tomou a frente  
Porém não mostrou fraqueza  
Depois gritou: - "Rompe-Ferro"  
Preciso de tua defesa.

Quando "Rompe-Ferro" ouviu  
O jeito do seu senhor  
Que tinha enfrentado a fera  
Sem ter medo nem pavor  
Partiu pra cima do monstro  
Como um raio abrasador.

O moço era destemido  
Com seu cachorro valente  
Eles dois incorporados  
Lutando com a serpente  
Juvenal no ferro frio  
E o cão fiel pelo dente.

Era um monstro sem feitio  
De um corpo descomunal  
Todo coberto de escamas  
Mais duro do que metal  
Tudo era mole na ponta  
De ferro de Juvenal.

Vendo a moça aquele embrulho  
Pender para o fundo da gruta  
Dando cada rabanada  
Com uma força absoluta  
Vendo a hora que o rapaz  
Também morria na luta.

Ajoelhou-se por terra  
Implorando ao Criador:  
" - Valei-me Pai Poderoso  
Livrai-me deste terror  
Salvai também esse moço  
Do Dragão devorador".

"Também prometo Senhor  
Meu pranto não é fingido  
Se nessa luta sangrenta  
O jovem não for vencido  
Quando voltar ao meu reino  
Farei dele meu marido".

E lá no fundo da gruta  
A luta era tenebrosa  
A serpente dava urros  
E rabanadas raivosas  
Fazendo tremer a terra  
Naquela gruta rochosa.

Esse monstro possuía  
No grande corpo um lugar  
Debaixo de asa esquerda  
Que quem pudesse acertar  
Com um pequeno ferimento  
Era capaz de matar.

"Rompe-Ferro" experiente  
Nesse lugar farejou  
Debaixo da asa esquerda  
De repente mergulhou  
No lugar mais perigoso  
O cachorro abocanhou.

Viu-se logo a diferença  
Quando o cachorro mordeu  
O monstro deu um esturro  
Que toda serra gemeu  
Na segunda abocanhada  
A serpente esmoreceu.

Assim que Juvenal viu  
A fera desanimar  
Sentou-se p'ra outro lado  
Dizendo vou descansar  
E deu ordem a "Rompe-Ferro"  
Para acabar de matar.

Disse o rapaz, para que  
Não duvidem dessa história  
Que briguei com esse monstro  
E na luta alcancei vitória  
Tiro dois dentes da fera  
Para servir de memória.

Quando a moça se viu livre  
Daquele horrendo animal  
Foi ajoelhar-se chorando  
Diante de Juvenal  
Pedindo pra acompanhá-la  
Até à corte imperial.

Exijo que vá comigo  
Pra meu pai lhe conhecer  
Esse moço destemido  
Que me salvou de morrer  
Mesmo pra recompensá-lo  
Da forma que merecer.

Terás lá no meu reinado  
Teu nome reconhecido  
Por todos da minha corte  
Serás muito recebido  
O mundo terá ciência  
Do teu valor merecido.

Tu salvaste minha vida  
Enfrentando esse Dragão  
Como também te arriscando  
Salvaste minha nação  
Portanto aqui te entrego  
Alma, vida e coração.

Disse ele: Nada quero,  
Do benefício que fiz  
Desejo que vossa alteza  
Siga em paz, seja feliz,  
Vou vê-la de hoje a três anos  
Na capital do país!

O cocheiro que pensava  
Ao moço a fera matar,  
Ele que estava de longe  
Ouvindo a serra zoar  
Quase morria de medo  
Nem se moveu do lugar.

Juvenal muito vexado  
Não podia ter demora  
Disse à princesa: Desculpe,  
Eu não ir com a senhora,  
Botou-a na carruagem  
Despediu-se e foi embora.

A imagem do rapaz  
Gravou-se divinamente  
Ante os olhos da princesa  
Tão linda, casta, inocente,  
E uma paixão sublime  
Germinou rapidamente.

Juvenal nunca pensou  
Que a sua protegida  
Fosse cair novamente  
Nas mãos da fera homicida;  
Que o tal cocheiro imundo  
Quisesse tirar-lhe a vida.

O cocheiro seguiu com ela  
Adiante lhe perguntou:  
- Vossa alteza pagou bem  
Aquele que lhe salvou?  
Disse ela: - Eu fui pagar,  
Mas ele não aceitou...

Com olhos de traidor  
Lhe respondeu o cocheiro:  
Aquele que lhe salvou  
É um grande aventureiro,  
Anda vagando no mundo  
Não precisa de dinheiro.

Se vossa alteza quisesse  
Com muita facilidade  
Pode fazer num momento  
A minha felicidade,  
Dizer que matei a fera  
Que devorava a cidade.

A senhora nada perde  
Me fazendo esse favor,  
Pois aquele aventureiro  
É bruto, não tem valor,  
Vossa alteza perde tempo  
Se for dedicar-lhe amor.

Disse a princesa ao cocheiro:  
Eu jamais serei fingida,  
Não vou contar uma história  
Que não foi acontecida  
Tornando-me facinorosa  
Para quem salvou-me a vida.

Nem permito que um Judas  
Covarde, vil, descabido,  
Insulte dessa maneira  
Um moço tão destemido,  
Se não fosse Deus e ele  
Sei que teria morrido.

Iam passando uma ponte  
Quando ele disse assim:  
O fulano não precisa,  
Arranje isso pra mim,  
Se a senhora não fizer  
Aqui mesmo dou-lhe fim.

Lhe atiro de ponte abaixo  
O diabo tem de a levar,  
Quando eu chegar na corte  
Se alguém me perguntar  
Eu digo: - A fera comeu-a  
Ninguém vem mais procurar.

Aquela infeliz princesa  
Conhecendo que morria  
Jurou perante o cocheiro  
Fazer como ele queria  
E aquele grande segredo  
Por ela ninguém sabia.



Eu juro perante a Deus  
Que negarei a verdade,  
Quando chegar lá na corte  
Farei a vossa vontade  
Digo que matou a fera  
Que devorava a cidade.

O cocheiro olhou pra ela  
Riu-se de satisfação;  
Agora sim, princesinha,  
Sou um grande cidadão,  
Serei perante o monarca  
O grande herói da nação.

Quando chegaram na corte  
A cidade estremeceu,  
Dizia o povo em delírio:  
A princesa não morreu,  
O cocheiro trouxe ela  
A fera não a comeu!

Quando o rei viu a princesa  
Quase morre de alegria  
E contaram a história  
Como o cocheiro queria  
O rei muito interessado  
Toda história dele ouvia.

Disse o cocheiro: Monarca  
Dê-me licença narrar;  
Quando chegamos na fuma  
Que fiz o carro parar  
Eu disse para a princesa  
Acho bom se apear.

Ela aí desceu do carro  
Traspassada de tristeza  
Eu fiquei com muita pena  
Dessa morte sem defesa  
Saquei pelo meu punhal  
E acompanhei a princesa.

A princesa como estava  
Quase morta de pavor,  
Me disse: - Deixe-me só,  
Volte à corte, por favor,  
Volte daqui, não prossiga,  
O monstro é devorador!

Eu aí não dei ouvidos  
Ao que ela estava dizendo,  
Porém de repente vi  
A montanha estremeando  
Conheci no mesmo instante  
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente  
Eu ia mais atrasado,  
Quando a fera viu a moça  
Deu um urro agigantado  
Confesso que até fiquei  
De cabelo arrepiado.

Mas uma coisa dizia:  
Não deixe a moça morrer!  
Se salvares a princesa  
Muito feliz hás de ser,  
Portanto enfrente o perigo  
Repare o que vai fazer.

Aí a fera avançou  
Para agarrar a princesa  
Ligeiro tomei a frente  
Porém não mostrei fraqueza  
Nunca pensei, majestade,  
Possuir tanta destreza.

Era um monstro sem feitio  
De corpo descomunal  
Todo coberto de escamas  
Mais duras do que metal  
Porém tudo ficou mole  
Na ponta do meu punhal.

Vibrei-lhe uma punhalada  
Chega seu couro rangeu,  
A fera deu um esturro  
Que a terra toda tremeu  
Na segunda punhalada  
A serpente estremeceu.

Eu acabei de matar  
Como quem não faz vantagem,  
Botei a linda princesa  
Sem forças, na carruagem,  
Deixei a fera estendida  
Voltei então da viagem.

O povo todo deu crença  
No que o cocheiro dizia,  
O rei disse: És um herói,  
Mostraste ter valentia  
Vou promover-te a fidalgo  
Da alta aristocracia!

Apertou ele nos braços  
Cheio de contentamento  
Dizendo: Minha filha vive,  
Pelo teu merecimento  
Como não posso pagar-te  
Dou-te ela em casamento.

A princesa quando ouviu  
Falar em tal casamento  
Mudou de cor de repente  
Quase dá-lhe um passamento  
Oh! Meu Deus, dizia ela,  
Pra que fiz tal juramento?

E correndo pro seu quarto  
Fazendo grande alarido  
Exclamava: Meu bom pai  
Oh! Quanto tenho sofrido!  
Mandai, Juvenal, meu Deus,  
Coitado, ele foi traído!

Pelo ódio e ambição  
De um imundo cocheiro  
Vou perder o meu amigo  
O meu herói verdadeiro  
Dá-lhe um aviso, meu pai,  
Deste plano traiçoeiro!

Ah! Se eu pudesse agora  
Contar tudo à majestade  
Dizer que esse cocheiro  
Não quer falar a verdade  
Mas devido à minha jura  
Perdi a felicidade.

Leitor, deixemos aqui  
Fechada em seu aposento  
A bela e meiga princesa  
Lamentando o seu tormento  
E vamos ver Juvenal  
Onde está nesse momento.

Depois de salvar a jovem  
O belo moço saiu  
Em busca de aventuras  
A viagem prosseguiu  
Junto com seus três cachorros  
Em outro reino dormiu.

Naquela noite sonhou  
Que estava em um reinado  
Era uma linda manhã  
O castelo engalanado  
De rosas e lindas flores  
Era o solo atapetado.

Um perfume inebriável  
Recendia pelo espaço  
Belas damas sorridentes  
Tinha ele em cada braço  
Vestindo finas fazendas  
Sorrindo sem embaraço.

Num lindo trono de ouro  
Se via a linda princesa  
Trajando lindo vestido  
De fulgurante beleza  
Trajando véu e capela  
Deslumbrante na riqueza.

Nisso chega um magistrado  
Um bispo e um escrivão  
Disseram aí pra ele:  
- Se apresse, cidadão,  
Pra receber da princesa  
Sua linda e santa mão.

Nesse ínterim chega um homem  
De semblante aborrecido  
Que disse: - Parem com isso,  
Este homem é um bandido,  
Quer desfrutar uma glória  
Sem a ter adquirido!

Juvenal mesmo em sonho  
Fez uso do seu punhal  
Seu inimigo também  
Puxou da cinta outro igual  
Travou-se uma luta horrenda  
Sangrenta, cruel, brutal.

No fim da luta ele viu  
As flores todas pisadas  
As damas por sobre o solo  
Sem sentidos, desmaiadas,  
Ele preso na parede  
Sobre as lanças e espadas.

Seu inimigo sorrindo  
De braços com a princesa  
O povo lhe dando vivas  
Ele preso sem defesa  
Nisso o rapaz acordou-se  
Assustado, com certeza.

Juvenal ficou pensando  
Nesse sonho aborrecido,  
E disse consigo mesmo:  
O que terá acontecido?  
A princesa que salvei  
Talvez tenha me traído.

Mas depois disse consigo:  
Não posso temer traição  
Sei mesmo que a princesa  
Me ama de coração  
Saberei toda a verdade  
Ao regressar à nação.

- E se algum atrevido  
Um covarde ou traidor  
Tiver forçado a princesa  
A recusar meu amor  
Nesse dia fico louco  
Bebo o sangue do impostor.

Confiado na princesa  
No punhal e no Divino  
Juvenal seguiu viagem  
Sempre como peregrino  
Com os cachorros dum lado  
Projetando o seu destino.

E assim passou um ano  
E Juvenal prosseguia  
Sua vida aventureira  
Pensando em voltar um dia  
Pois ele disse à princesa  
Com três anos voltaria.

Vamos deixá-lo um instante  
E voltemos ao reinado,  
Onde o cocheiro covarde  
Viu seu plano coroado  
Era agora herói do rei  
Só faltava ser casado.

A princesa em casamento  
Não queria ouvir falar  
O rei marcou para um ano  
Dali se realizar  
No tempo ela adoeceu  
Somente pra não casar.

Foi uma doença séria  
Acompanhada de dor  
Mas tudo isso arranjado  
Por conhecido doutor  
Bem pago pela princesa  
Filha do imperador.

O cocheiro aperreado  
Sempre junto a majestade  
Pedia para apressar  
Esse laço de amizade,  
Temendo que com mais dias  
Se descobrisse a verdade.

O comentário na rua  
Era bem descontraído  
Um dizia que o cocheiro  
De fato tinha lutado  
Com a fera desumana  
Que devorava o reinado.



Outro, porém, respondia,  
Que era combinação;  
O rei não queria dar  
A filha para o dragão  
E mais tarde quem pagava  
Eram os filhos da nação.

Paremos aqui, leitor,  
Deixemos isto pra frente  
Vamos saber como passa  
A princesinha doente  
Seu pai estava ficando  
Severo e muito exigente.

E se passaram dois anos  
Com mais um fazia três  
Disse o rei a sua filha:  
- Hás de casar desta vez,  
Eu garanti ao teu noivo  
De não passar deste mês!

A moça mais uma vez  
Lembrou-se de Juvenal  
Exclamou: - Tudo acabou-se  
Minha sina foi fatal  
Vou casar-me com um monstro  
Traidor como o chacal!

Faltavam apenas dois dias  
Para o grande casamento  
O castelo em reboição  
Era grande o movimento  
Enfeites, bolos, comidas,  
Tudo estava em andamento.

Na véspera do casamento  
Viu-se entrar um viajante  
Levando mais três cachorros  
Dum tamanho extravagante  
Era Juvenal que vinha  
Em busca de sua amante.

Juvenal ouviu dizer  
Por uma felicidade:  
Casa hoje um grande herói  
Com a filha da majestade,  
Porque matou o dragão  
Que devorava a cidade.

Juvenal cego de raiva  
Na mesma hora rompeu:  
Esse homem é mentiroso  
Sem ver o monstro correu  
O dragão de quem se fala  
Quem matou ele fui eu!

Os praças ouvindo-o falar  
Daquele nobre senhor  
Disseram logo: Está preso  
Infame conspirador,  
Maltratando em praça pública  
O genro do imperador!

Juvenal pulou pra trás  
Bateu palmas ao seu cão  
Partiu pra eles dizendo:  
Sou filho de outra nação  
Ainda vindo um exército  
Eu não me entrego a prisão.

Aí travou-se uma luta  
Os cães entraram no meio  
Em menos de uma hora  
O estandarte era feio  
Que o rei lá do palácio  
Só ouvia o tiroteio.

Foram dar parte ao rei  
Da grande calamidade  
Dizendo: Aí tem um moço  
Que hoje entrou na cidade  
Tem morto tanto soldado  
Que é uma barbaridade.

Ele conduz três cachorros  
São três panteras iguais  
O homem briga por dez  
Pula mais que satanás  
Da sua espada sai fogo  
Iguais chamas infernais.

O noivo com a notícia  
Doeu-lhe no pensamento  
Disse o rei aos convidados:  
Demorem aí um momento,  
Esperem minha chegada  
Pra fazer o casamento.

Com a chegada do rei  
O povo todo acalmou  
Juvenal com os três cães  
Um arranhão não levou  
Chegando perto do rei  
Por esta forma falou:

Sua alteza vá sabendo  
Nunca fui homem malvado  
Pretendo contar-lhe tudo  
Da forma que foi passado  
Mas quero que minha história  
Seja ouvida no reinado.

Dali mesmo o rei levou  
Juvenal para o salão  
Pra contar de qual maneira  
Principiou a questão  
Quando o moço entrou na sala  
Tudo mudou de feição.

A moça ao ver seu amado  
Chorou de tanta alegria  
Por saber que todo plano  
Agora se descobria  
E finalmente, depois,  
Com ele se casaria.

Mas quando o cocheiro viu  
Aquele recém-chegado  
Conheceu logo os cachorros  
Ficou da cor de um finado  
E disse consigo mesmo  
Agora estou desgraçado!

Disse Juvenal ao rei:  
Me disseram sem maldade:  
"Hoje casa um grande herói  
Com a filha da majestade  
Porque matou o dragão  
Que devorava a cidade."

Eu fiquei cego de raiva  
Porque isso não se deu,  
E disse: - Ele é mentiroso,  
Sem ver o monstro, correu,  
O dragão de que se fala  
Quem matou ele fui eu!

Aí os soldados todos  
Me deram voz de prisão  
Eu gritei por meus cachorros  
E fiquei de prontidão  
Por esse grande motivo  
Principiou a questão.

Lutei pelo meu direito  
Como qualquer um lutava,  
Me acabaria lutando  
Porém não me entregava  
O céu virava fumaça  
E a terra se desmanchava.

Estou contando a história  
Que a condição me obrigou  
A fera de que se fala  
Sei que fui eu quem matou  
A princesa é testemunha  
De tudo que se passou.

O rei chamou a princesa  
Pra contar o que sabia  
Ela prontamente veio  
Cheia de grande alegria  
Desabafar essa mágoa  
Que há três anos sofria.

Ela aí continuou  
Para todo mundo ver:  
Meu pai está perguntando  
Porque deseja saber,  
Sim, senhor, foi este homem  
Que me salvou de morrer.

Quando eu fiquei lá no bosque  
Onde o cocheiro deixou  
Que ia subindo a serra  
Este homem acompanhou  
Foi lutar com o dragão  
Eu vi quando ele o matou.

Quando ele matou o monstro  
Nessa mesma ocasião  
Arrancou dois grandes dentes  
Julgando ter precisão  
Se não perdeu ainda tem  
Os dois dentes do dragão.

Depois o moço levou-me  
Botou-me na carruagem  
Muito decente e modesto  
Como quem não fez vantagem  
Ali apertou-me a mão  
E seguiu sua viagem.

Agora, o cocheiro, sim,  
Fez verdadeira traição  
Ele pensava, papai,  
Que não teria punição,  
Mas vou contar a miúdo  
Toda essa narração.

O cocheiro saiu comigo  
Adiante me perguntou:  
Vossa alteza pagou bem  
Àquele que lhe salvou?  
Eu lhe disse: - Fui pagar,  
Mas ele não aceitou...

Disse ele: - Sendo assim  
Me dê vossa proteção  
Dizendo em casa a seu pai  
Que eu matei o dragão,  
Todo mundo lhe dá crédito  
E ninguém dirá que não.

Então eu disse pra ele:  
- Nunca fui desconhecida,  
Não vou contar uma história  
Que não foi acontecida  
Usando de falsidade  
Com quem me salvou a vida.

Nem permito que um Judas  
Covarde, vil, descabido,  
Insulte dessa maneira  
Um homem tão destemido  
Que não sendo Deus e ele  
Eu já teria morrido.

Íamos passando na ponte  
Quando ele me disse assim:  
- Abra seus olhos, princesa,  
Arranje isso pra mim  
Se a senhora se negar  
Aqui mesmo dou-lhe fim.

Lhe atiro de ponte abaixo  
O diabo tem de a levar  
Quando eu chegar na corte  
Se alguém me perguntar  
Eu digo: - A fera comeu-a  
E ninguém vai procurar.

Eu me achava sozinha  
Conhecendo que morria  
Jurei perante o cocheiro  
Fazer como ele queria  
Jurando mais, que o segredo,  
Por mim não se descobria.

Foi assim, meu bom papai,  
Que pude me defender  
De ser lançada na ponte  
Já decidida a morrer,  
Mas Deus protegeu-nos, pai,  
Fez a verdade vencer.

Aí descobriu-se tudo  
O rei ficou se mordendo  
E disse para o cocheiro:  
Você vai morrer sabendo:  
Mandou por quatro carrascos  
Tirar-lhe o couro, ele vendo.

Casou-se a linda princesa  
Com o valente Juvenal  
Repercutiu a notícia  
Pelo mundo universal  
Rolou festa quinze dias  
No palácio imperial.



Juvenal no outro dia  
Às seis horas da manhã  
Mandou um grande cortejo  
Buscar sua linda irmã  
Aquela menina esbelta  
Das faces cor de romã.

Os cães vendo a menina  
Ficaram de prontidão  
E disseram a Juvenal:  
Está finda nossa missão,  
Queríamos ver se a riqueza  
Mudava o teu coração.

Os cães eram encantados  
Não podiam ter demora,  
Se viraram em três pássaros  
Alvos da cor da aurora  
Disseram: - Adeus, Juvenal!...  
Voaram e foram embora.

**FIM**



## Literatura de Cordel



**Leandro Gomes de Barros**



Homenagem da EDITORA QUEIMA-BUCHA  
aos 140 anos de nascimento do poeta  
LEANDRO GOMES DE BARROS, pioneiro da  
Literatura de Cordel.

[www.queimabucha.com](http://www.queimabucha.com)



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).